



CONCEPÇÕES DE CRIANÇAS SOBRE AS RELAÇÕES AFETIVAS E SEXUAIS ENTRE PESSOAS DO MESMO SEXO

Profª Ms Geisa Orlandini Cabiceira- FCT/UNESP-Campus de Presidente Prudente.

Profª Drª Maria de Fátima Salum Moreir -FCT/UNESP-Campus de Presidente Prudente.

RESUMO: Este artigo apresenta parte dos resultados de uma pesquisa de mestrado, tendo como foco as concepções e atitudes de crianças (idades entre 10 a 13 anos, da 4ª série do EF) frente às relações afetivas e sexuais entre pessoas do mesmo sexo. A pesquisa objetivava conhecer as falas e as práticas de crianças sobre infância, gênero e sexualidade; os significados que atribuem às condutas sexuais e eróticas relativas aos prazeres e desejos corporais. Sendo esta de abordagem qualitativa e sua metodologia inspirada nos estudos etnográficos com crianças, com ênfase nos aspectos culturais e simbólicos das experiências sociais. Os resultados referentes às relações afetivas e sexuais entre pessoas do mesmo sexo apontam para o discurso do respeito “às diferenças”, entretanto, as crianças expressaram homofobia, quando tiveram que se manifestar sobre como lidariam com tal prática sexual, caso a mesma fosse vivida por seus/suas filhos ou filhas.

Palavras-chave: Gênero; Sexualidade; Educação.

INTRODUÇÃO

O presente artigo apresenta parte das conclusões de uma pesquisa de mestrado vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da FCT – UNESP, em Presidente Prudente. O principal objetivo desta pesquisa era o de analisar e conhecer as falas, as formas de pensar, sentir e agir de crianças, tendo como referência o campo de suas experiências de gênero, sexualidade e infância; os seus pontos de vista, os lugares sociais que ocupam e as práticas de socialização entre elas e delas com os adultos. Assim, foram investigados os significados que elas atribuem às condutas sexuais e eróticas, relativas aos prazeres sexuais e/ou desejos corporais. As crianças participantes da investigação são de uma cidade do interior paulista e contam com idades entre 10 a 13 anos, aluno(a)s de uma escola pública estadual, retido(a)s em uma 4ª série do Ensino Fundamental (nomeada como classe de “recuperação de ciclo”). Nesta pesquisa utilizou-se a abordagem qualitativa e metodologia inspirada nos estudos etnográficos com crianças, com ênfase nos aspectos culturais e simbólicos das experiências sociais e na sociologia da infância. Para tal

empreendimento, foram utilizados: 1) observações diretas em sala de aula, no recreio e em outros espaços da escola; 2) entrevistas semi-estruturadas e dinâmicas realizadas com as crianças; 3) questionários abertos, de caráter sócio-econômico e cultural, aplicados aos familiares das crianças desta sala e da comunidade escolar; 4) questionários abertos às professoras da sala; 5) pesquisa documental; 6) relatos orais das crianças; 7) diário de campo; 8) visitas domiciliares.

Sendo assim, o presente artigo apresentará alguns resultados e análises que foram organizadas em eixos temáticos estruturadores, sendo que um desses eixos será abordado no presente texto, pois discute as concepções e atitudes de crianças sobre as relações afetivas e sexuais entre pessoas do mesmo sexo. Assim, o objetivo desta comunicação escrita é de convidar à reflexão, leitor(a)s interessado(a)s na temática do currículo e as formas de organização escolar, destacando-se os modos como se encontram relacionados à construção das identidades e diferenças de gênero, sexualidade, classe, raça e geração de seus agentes. Pois, entende-se que esses diversos aspectos da vida humana são produtos e produtores da dinâmica sociocultural que estrutura as relações escolares.

O recorte desta pesquisa também discute como no âmbito escolar são realizadas as construções sociais referentes às identidades de gênero e sexuais, bem como os modos de vivenciá-la. Embora nem sempre claras e facilmente perceptíveis, estas se fazem presentes nesse espaço e devem ser examinadas de forma associada a outras dimensões que organizam as identidades sociais, tais como classe, raça/etnia, religião, geração, concebidas como constituídas pelas relações de poder e resistência.

Esta investigação revela como a escola concorre para a construção das identidades e/ou diferenças de gênero e de sexualidade das crianças e, igualmente, como as próprias crianças são produtoras da dinâmica social que estrutura as relações escolares. Pode-se constatar que as práticas escolares repercutem na vida das crianças e fazem parte de sua elaboração de conceitos e de como elas vivenciam o mundo em que vivem. Entende-se que as explicações para a produção social das relações de gênero e da sexualidade vão além da explicitação da reprodução de estereótipos e de papéis de gênero e sexuais, pois a questão é mais complexa.

RELAÇÕES AFETIVAS E SEXUAIS ENTRE PESSOAS DO MESMO SEXO OU “AS PESSOAS PODEM NAMORAR OUTRAS DO MESMO SEXO, O MEU FILHO NÃO, EU MANDO ELE EMBORA DE CASA”

Constatou-se em uma das observações em sala de aula, um episódio em que um menino colocou a mão no pênis do outro, e o menino que foi tocado contou para a professora. A coordenadora veio, chamada pela professora, conversar com a sala e começou a dizer que quem pega no... [ela não usa a palavra, faz gesto] do outro “é viado”, “bicha”. Diz ela: “Sabe o que é isso? O homem que gosta de homem, isso é uma opção sexual de cada pessoa”. Após o término de sua fala, chamou o menino para ir à diretoria da escola, e ele a acompanhou, de cabeça baixa.

Podemos perceber que, nesse caso em sala de aula, a atitude do garoto foi diretamente associada a uma determinada classificação e juízo sobre a sexualidade do menino punido, colocando-o em uma situação vexatória, em que a sua sexualidade foi questionada e a mensagem passada foi preconceituosa, pejorativa e homofóbica. Tocar no pênis de alguém do mesmo sexo, mesmo que isso costume ocorrer em brincadeiras entre homens, é considerado anormal, como coisa de “viado” e “bicha”, uma vez que essas são palavras empregadas para inferiorizar um grupo, uma identidade sexual em relação a outra. Em nenhum momento foi discutida a necessidade de respeito ao corpo do outro e a de que se tenha permissão para que possa ocorrer qualquer ação que envolva os direitos da pessoa sobre seu corpo e sua vida íntima.

É constatado em várias pesquisas, que muito(a)s professore(a)s que trabalham com crianças, mas não apenas estas, geralmente, manifestam bastante despreparo para lidar com situações que envolvam o corpo e a sexualidade. Apesar da boa vontade da professora e de seu esforço para indicar que existem várias formas de vivenciar a sexualidade – ao dizer aos/as aluno(a)s que gostar de pessoa do mesmo sexo “é uma opção sexual” –, ela não apresenta ter conhecimentos para explicar o significado dessa chamada “opção”, de maneira que a temática da sexualidade continua sendo tratada de forma naturalizante, reforçando as oposições binárias na abordagem das identidades sexuais.

Parker (1991) explica o simbolismo que a palavra ou expressão “bicha” encerra, uma vez que, por meio da diferenciação sob outras formas de vivência sexuais,

reforça a definição cultural da masculinidade, configurando em oposições a outros tipos de identidades sexuais. Enfatiza:

Um entendimento do homem não é construído meramente em oposição à mulher, mas ao mesmo tempo, através de sua relação com figuras tais como o machão, o corno, a bicha ou viado. E a mulher como o homem, precisa ser apreendida não apenas em oposição a ele, mas através de figuras como a virgem, a piranha e até o sapatão. Essas figuras adicionais têm papéis secundários no elenco de personagens do drama sexual brasileiro, mas de qualquer maneira, todos desempenham ações cruciais na construção do gênero na vida diária. (p.74).

Em outra ocasião, ocorreu um episódio em que alguns meninos estavam chamando os outros de “quatro cu” e os “mandavam tomar no cu”, pois estes são os xingamentos que eles mais utilizam nessa sala. Chamando a atenção dos meninos, a professora os questionou sobre o porquê do uso dessas palavras. Sem obter respostas, ela explicou que quem usa tal xingamento “parece que está querendo ser o quê?” e “quem fala cu toda hora, parece o quê?”

Ao comentar dessa forma o que ocorrera entre os meninos, é como se a professora estivesse, com palavras mais suaves, perguntando se eles estão querendo ser homossexuais. Reforçam-se, assim, desde cedo, as práticas de diferenciação e exclusão sexual na escola, pois se trata, claramente, de criticar certas práticas ou prazeres sexuais, associando-os a determinadas orientações ou modelos de sexualidade, geralmente não aceitos e condenados socialmente.

As oposições binárias em relação ao gênero e à sexualidade estão presentes na fala das crianças, professora e gestores, legitimando-se, assim, um modo de vivenciar a sexualidade e um único padrão de identidade sexual, a heterossexual. A necessidade de se explicitar aquilo que seria inferior ou anormal é uma estratégia utilizada – geralmente de forma inconsciente – para garantir e evidenciar o normal, como foi observado.

Fica evidente, portanto, como em cada cultura as verdades e saberes estabelecidos são construídos social e simbolicamente, nas interações e relações dialógicas entre os sujeitos, as quais são explicadas por Bakhtin, citado por Jobim e Souza (1994, p. 103):



II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO SEXUAL - II SIES

Gênero, Direitos e Diversidade Sexual: Trajetórias Escolares

28, 29 e 30 de abril de 2011

MARINGÁ - PR



ISSN 2177-1111
www.sies.uem.br

O sentido dialógico da verdade proposto por Bakhtin se caracteriza pela idéia oposta ao modo de conhecimento monológico. Para esse autor, a verdade não se encontra no interior de uma única pessoa, mas está no processo de interação dialógica entre pessoas que a procuram coletivamente. (JOBIM e SOUSA, 1994, p.103).

As concepções das crianças, que levam a um poder conceitual baseado na negatividade da identidade homossexual, têm suas fundamentações na cultura e na sociedade. Em relação a nossa cultura brasileira, poder-se-ia dizer que temos uma pré-disposição em negar as identidades sexuais que ferem ou ameaçam simbolicamente as identidades heterossexuais e de gênero divergentes das normas e dos padrões socialmente estabelecidos (LOURO, 1999; MATOS, 2003; PARKER, 1991; WEEKS, 1999).

São, como se pôde perceber, práticas de representação da realidade que se fazem presentes em todas as dimensões sociais e em todos os grupos geracionais. Mesmo tendo grandes dificuldades em atribuir sentidos para a sexualidade, seus usos e modos de funcionamento, as crianças já demonstram quanto já assimilaram dos preconceitos em relação à homossexualidade. Parker (1991) destaca as relações entre erotismo e poder, bem como a necessidade de transformar os modos e significados culturais do erótico:

As interações sexuais entre indivíduos de mesmo sexo, os relacionamentos extraconjugais, a masturbação e o intercurso anal tornam-se particularmente eróticos porque destroem a hierarquia de valores do cotidiano. Como nos casos de gênero e sexualidade, então, as relações entre erotismo e poder devem ser entendidas não procurando reduzir um ao outro, mas examinando as maneiras pelas quais cada um deles toma forma através do outro [...] Quer dizer, o funcionamento do poder deve ser entendido através das formas e significados culturais do erótico, e o simbolismo do erótico precisa ser interpretado através das estruturas do poder e da sua capacidade de transformá-las. (p. 203-204).

Dentre alguns instrumentos de pesquisa foi realizada entrevista aberta, semi-estruturada com as crianças, as crianças deveriam responder sobre o que pensavam ou sabiam acerca das relações afetivas e sexuais, entre pessoas do mesmo sexo. Pretendia-se reconhecer os saberes e os preconceitos que, possivelmente, as crianças teriam sobre essas relações, bem como se haveria diferenças entre as respostas de meninos e meninas.

À pergunta “em sua opinião, mulher pode namorar mulher, e por quê?” obtiveram-se as seguintes respostas:

Só se for sapatona. (ALENCAR, 11 anos).

Não. Porque tem que namorar homem. (RAÍ, 11 anos).

Tem que fazer a vontade (ALESSANDRA, 12 anos).

Aí é sapatona. (TAÍS, 11 anos).

Não. Porque elas são mulher. (JÉSSICA, 10, anos).

A maioria dos meninos mostrou-se desfavorável, em relação ao namoro de homem com homem e mulher com mulher. Somente Lílian, Alessandra e Gustavo, dentre as dez crianças entrevistadas, disseram ser favoráveis ao namoro homossexual. Embora este último venha a se contradizer, depois. À pergunta: qual é a sua opinião sobre namoro de homem com homem e mulher com mulher, apresentaram as seguintes respostas:

Nenhuma. Como eles podem ter filhos? (JORGE, 10 anos).

Errado, porque nos dois têm tênis. (refere-se ao pênis) (ALENCAR, 11 anos).

Uma relação legal. (GUSTAVO, 12 anos).

É feio. (TAÍS, 11 anos).

Já em relação à pergunta “você seria amigo de um homem que namorasse outro homem e de uma mulher que namorasse outra mulher”, as respostas foram:

Sim. (JORGE, 10 anos).

Não. Não, porque eu não gosto. (RAÍ, 11 anos).

Seria, tem que respeitar. (GUSTAVO, 12 anos).

Eu tenho vontade de ser amiga de um homem que namora outro homem. Pra ele me contar as coisas que eles fazem. (ALESSANDRA, 12 anos).



II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO SEXUAL - II SIES

Gênero, Direitos e Diversidade Sexual: Trajetórias Escolares

28, 29 e 30 de abril de 2011

MARINGÁ - PR



ISSN 2177-1111
www.sies.uem.br

Vou deixar de ser amiga só porque ela namora outra mulher? (LILIAN, 11 anos).

Seria. (SUZANA, 11 anos).

Não, porque ela namora outra mulher. (JÉSSICA, 10 anos).

Não, porque os outros ia ver elas duas andando. Aí, iam falar: - a Taís está andando com duas sapatona. (TAÍS, 11 anos).

Analisando essas falas recorre-se a de Louro, que destaca:

Sob esta ótica, os apelos em prol da tolerância e do respeito aos diferentes também devem ganhar outra conotação. É preciso abandonar a posição ingênua que ignora ou subestima as histórias de subordinação experimentadas por alguns grupos sociais e, ao mesmo tempo, dar-se conta da assimetria que está implícita na idéia de tolerância [...] Ela se liga, contudo à condescendência, à permissão, à indulgência – atitudes que são exercidas, quase sempre, por aquele ou aquela que se percebe superior. (LOURO, 2003, p.48).

O que mais permitiu observar a força dos preconceitos existentes foram as respostas à pergunta “e se seu filho namorasse outro homem, você aceitaria?”

Não, meu filho é outra coisa. Nem sei o que eu faria, eu colocava pra fora de casa. (JORGE, 10 anos).

Expulso, vai morar com outro homem. (ALENCAR, 11 anos).

Eu batia no meu filho e não deixava namorar. (RAÍ, 11 anos).

Gustavo, que nas outras perguntas parecia aceitar a relação homossexual, mostrou outra forma de pensar diante dessa pergunta:

Eu ia brigar. (GUSTAVO, 12 anos).

Taís e Suzana responderam:

É vergonha para uma mãe um filho namorar outro homem. É feio.
(TAÍS, 11 anos).

Eu não aceitaria. Eu ia mandar embora de casa. (SUZANA, 11 anos).

Apenas duas meninas responderam:

Vou; se ela quer, tudo bem! (LILIAN, 11 anos).

Eu iria dar o maior apoio. (ALESSANDRA, 12 anos).

Somente Alessandra e Lílian mantiveram suas respostas coerentes com aquilo que vinham falando até então. As demais crianças que haviam dito que aceitavam o convívio com um amigo ou amiga homossexual expressaram sua homofobia, quando tiveram que se manifestar sobre como lidariam com tal prática sexual, caso a mesma fosse vivida por seus filhos ou filhas.

A maioria foi contra esse tipo de relação. O estigma do que é considerado feio, errado e inconcebível permaneceu nas falas das crianças. De acordo com Gagnon (2006), pode-se inferir que as falas das crianças são construídas em função da cultura predominante nos grupos e relações sociais das quais fazem parte:

Do ponto de vista da teoria da roteirização, as preferências eróticas por pessoas do mesmo gênero são despertadas e moldadas em sistemas de significação oferecidos à conduta por uma dada cultura. Portanto, o que geralmente se interpreta como “a cultura contra o homem” ou “a cultura contra a natureza” é, na verdade, um conflito entre indivíduos ou grupos aculturados de modos diferentes. (p.194).

Algumas situações observadas em sala de aula, nas interações entre as crianças, que envolveram também a participação da professora, são elucidativas de como as crianças



II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO SEXUAL - II SIES

Gênero, Direitos e Diversidade Sexual: Trajetórias Escolares

28, 29 e 30 de abril de 2011

MARINGÁ - PR



ISSN 2177-1111
www.sies.uem.br

são educadas para pensar e se posicionar sobre a sexualidade e, em especial, sobre a homossexualidade.

Certo dia, um aluno apareceu na sala com uma revista pornográfica que, segundo explicou para a professora, havia ganhado de um jovem, o qual era aluno de Ensino Médio, em outra escola. Mediante ao ocorrido a professora mandou esse menino para a diretoria. No outro dia, a professora retomou a conversa sobre o que havia acontecido. Enfatizou que as crianças deveriam tomar cuidado com aquilo que pessoas mais velhas lhes oferecem. Ela explica que o rapaz que havia dado a revista poderia ter “segundas intenções” para com o seu aluno. Continuou sua exposição, afirmando que ser homossexual é uma *opção* e que muitos sofrem por causa da *sociedade preconceituosa* em que vivemos. Que, caso alguém escolha “*esse rumo*”, terá que pensar nas *consequências*, tais como *sofrer preconceito e as consequências físicas, pois “o ... não mais funcionará”* (ao invés de pronunciar a palavra cu ou anus, ela faz um gesto interrogativo e reticente). Para explicar por que o anus não mais “funcionaria”, ela disse que eles passariam a defecar *nas calças e cheirar mal*. Nesse dia, a conversa foi dirigida estritamente aos meninos, dos quais também foi chamada a atenção para que tomassem cuidado com o oferecimento de drogas e com pessoas que os chamassem para *fazer coisa errada* [dando a entender que era roubar].

Entretanto, por mais que a professora reconheça que a sociedade tem preconceito para com o(a)s homossexuais, sua fala também é preconceituosa. No início da conversa com os meninos, parecia que ela estava preocupada com a possibilidade de que houvesse intenção de abuso sexual por parte do jovem que ofereceu aquela revista, mas não se sabe se o menino também compreendeu isso. Com a continuação da preleção dela, porém, a conversa foi tomando outras dimensões. Entre estas, a aversão disfarçada e talvez inconsciente pelo(a)s homossexuais é o ponto-chave. Além de uma figura extremamente depreciativa da possibilidade de que pudesse haver qualquer espécie de prazer através da relação anal – e de que esta é também uma região erógena –, foi enfatizado que isso implicaria um estrago físico, com consequências terríveis. A mensagem era para ser decodificada da seguinte forma: todos os homossexuais, homens, não possuem mais o controle do esfíncter e, por isso, defecam nas calças e cheiram mal – é isso que vocês querem para as suas vidas? Além disso, como o esfíncter não é uma palavra tão comumente usada, a professora fazia gestos com as mãos, para que todos entendessem.

Em linhas gerais, a professora mostrou aversão não apenas à relação afetiva e sexual homossexual, mas a um tipo de relação sexual em que o homem se coloca de forma passiva:

Fazendo o papel passivo nessas trocas, entretanto, o viado ou bicha abre mão de sua identidade masculina – passa a ser definido como essencialmente feminino em termos de função social e, na melhor das hipóteses, como uma imitação grosseira da fêmea biológica em termos de status social, socialmente inadequado como homem e um fracasso biológico como mulher. (PARKER, 1991, p.79).

As representações sociais, tabus e crenças sobre o coito anal permeiam a fala da professora, que apresenta uma lógica sexual pautada na contrariedade a todo o tipo de contato sexual que foge das finalidades sociais relacionadas à relação heterossexual.

A relação sexual anal tem configurações históricas, associadas ao modo de vivenciar o corpo e o uso de seus prazeres, de modo que as relações extraconjugais, a masturbação e a homossexualidade são consideradas ameaça à instituição familiar. A construção social desses tipos de conceitos sobre normalidade/anormalidade, nas relações sexuais, foi por muitos anos tratada pela medicina higienista, que, através de seus discursos, construiu e disseminou uma cultura sexual em que certas práticas são patologizadas e definidas como sendo anormais causadoras de esquizofrenias, neuroses, doenças sexualmente transmissíveis e sífilis (MATOS, 2003). Nesses discursos, fica evidente a existência de uma maior preocupação com a homossexualidade masculina do que com a feminina.

É quase que persistente a tendência de ensinar que os meninos devem ser heterossexuais e as causas desastrosas em vivenciar outras identidades sexuais. A manifestação da sexualidade, o desejo e o prazer dessas crianças são estritamente conduzidos à heterossexualidade e não se discute se poderia ser prazeroso estar com pessoas do sexo oposto.

Além dessas questões, a prática daquele menino ao olhar uma revista em que aparecem mulheres nuas não foi relacionada, pela professora, à curiosidade, à busca de sentido para o erotismo e à promoção de fantasias sexuais, nem, igualmente, à

manifestação de sua própria sexualidade, ou seja, de alguém que já busca o prazer através do olhar e da imaginação. A utilização desse tipo de revista, na escola, poderia ser realmente questionada, mas foi, na verdade, destrutada a subjetividade, assim como o comportamento do menino, a ponto de ele passar por uma situação de humilhação perante as outras crianças. As afetividades, as práticas e os desejos ligados à manifestação da sexualidade não são aceitos nem tolerados pela escola, e muito menos se torna pauta de diálogo e de conversa para uma formação que vise à educação para a sexualidade.

Segundo Foucault (1985) a produção de discursos científicos sobre o sexo, desde o século XVIII, incide na defesa de que as formas e as práticas sexuais que não proporcionassem fins reprodutivos deveriam ser tratadas como sendo anormais e irregulares. Nomeadas de desvios sexuais, tornaram-se formas de controle por meio de práticas médicas, de autoridades cristãs, de moralistas e de instituições estatais, que discursavam sobre os usos dos prazeres sexuais e de suas prováveis conseqüências patológicas. O discurso do sexo, segundo o autor, age como dispositivo de controle sobre a vida dos sujeitos. No entanto, isso não é visto como repressão, pois a sensação de se ouvir falar muito sobre sexo causa a pseudo-sensação de autonomia e liberdade sobre as formas de sentir prazer e desejo. Ao contrário disso, Foucault faz ver que entrar na intimidade das pessoas, por meio da confissão e análise clínica, e saber como elas experienciam o seu corpo, por exemplo, pode ser entendido como meio de controlar e normalizar as atividades sexuais e o modo como as pessoas se utilizam dos prazeres sexuais. Weeks (1999, p.52) enfatiza:

Foucault aponta quatro unidades estratégicas que ligam, desde o século XVIII, uma variedade de práticas sociais e técnicas de poder. Juntas, elas formam mecanismos específicos de conhecimento e poder centrados no sexo. Elas têm a ver com a sexualidade das mulheres; a sexualidade das crianças; o controle do comportamento procriativo; e a demarcação de perversões sexuais como problemas de patologia individual. (WEEKS, 1999, p.52).

Pesquisadore(a)s que discutem as questões de gênero e sexualidade têm atentado e questionado, em seus estudos, para o caráter normativo e naturalizado das identidades de gênero e sexuais, explicados como sendo algo de natureza biológica e inerente a homens e

mulheres. Tais concepções atribuem formas binárias, fixas e universais para a experiência erótica e sexual dos corpos, conforme a configuração de seu sexo biológico. Trata-se de explicações que justificam e instituem as diferenças entre homens e mulheres, bem como os comportamentos considerados adequados a cada sexo, como, por exemplo, associando-se a função das mulheres a de reprodutoras da espécie humana e com as de mães e de esposas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados indicam que as concepções dessas crianças sobre as relações afetivas e sexuais, em específico o namoro entre os adultos heterossexuais, é concebido como momento de fazer carinho, de beijar, de obter prazer e de manter relações sexuais. Elas ressaltam, que apenas os adolescentes e adultos mantêm relações sexuais.

Sobre ser amigo(a) de um(a) homossexual, as crianças mantiveram suas opiniões divididas. Está presente o discurso que circula, atualmente, sobre ser contra, mas “respeitar” a orientação sexual de cada um. Aparecem, nessas manifestações, as ambiguidades e fragilidades do sentido da palavra “respeito”, tão difundidas em campanhas publicitárias e nas escolas. As palavras respeito e diversidade, que estão em circulação, têm seus significados circunscritos a pontos de vista bastante limitados. Elas não se fundamentam na crítica ao sentido da diferença e ao modo como elas são construídas e justificadas de modo a manter as hierarquias e subordinações tanto de gênero, como sexuais. Taís foi bastante explícita quando manifestou sua opinião, assumindo que não quer ser confundida com pessoas moralmente condenáveis.

As instigantes questões colocadas pelos autores citados ao longo do texto, todavia, permitem uma discordância quanto à idéia de que homens e mulheres internalizam padrões sociais, quer referidos à masculinidade e à feminilidade, quer concernentes à sexualidade. Preocupamo-nos com o sentido que pode ser dado à palavra *internalização*, pois esta pode indicar a existência de uma via de mão única, que desconsidera, em primeira instância, a capacidade de os sujeitos se apropriarem, de diversas e criativas maneiras, das formas culturais dominantes. Propõe-se pensar em sujeitos, que, embora tenham uma autonomia

relativa, uma vez que estão envolvidos nas malhas culturais da sociedade em que vivem, são capazes de subverter ou de criar novas ordens e sentidos para a vida.

Torna-se necessário, portanto, desconstruir e interpretar os processos através dos quais os indivíduos tornam-se “homem” ou “mulher”, em um determinado tempo e lugar, observando-se que as identidades não são fixas; elas são plurais, contraditórias e sujeitas a mudança (WEEKS, 1999).

São perceptíveis também as dificuldades do(a)s professore(a)s e demais profissionais da educação em lidar com o tema da sexualidade e do gênero, evidenciando como as práticas e atitudes das crianças e jovens, na escola, têm sido provocadoras e evocativas de diversas formas de inquietação e reação, por parte desses profissionais.

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 7.ed. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

GAGNON, J. H. **Uma interpretação do desejo: ensaios sobre o estudo da sexualidade**. Tradução Lúcia Ribeiro da Silva. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

JOBIM E SOUZA, S. **Infância e linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamim**. Campinas: Papyrus, 1994 (Coleção magistério: formação e trabalho pedagógico).

LOURO, G. L. (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

_____. Currículo, gênero e sexualidade: o “normal”, o “diferente” e o “excentrico”. In: LOURO, G. L; NECKEL, J. F; GOELLNER, S.V (org). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 41-52.



MATOS, M. I. S. Delineando corpos: as representações do feminino e do masculino no discurso médico. In: MATOS, M. I. S; SOIHET, R. (org). **O corpo feminino em debate**. São Paulo: Ed. UNESP, 2003. p. 107-128.

PARKER, R. G. **Corpos, prazeres e paixão**: a cultura sexual no Brasil contemporâneo. Tradução de Maria Therezinha Cavallari. São Paulo: Best Seller, 1991.

WEEKS, J. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, G. L. (org). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p. 35-82.